



nara roesler

cristina canale
o encontro
nara roesler new york

abertura
8 set | 6–8pm

exposição
9 set – 23 out

cristina canale: o encontro

Luis Pérez-Oramas

Quando deixamos de nos questionar o que é arte e passamos a nos perguntar quando ela é, quando acontece, descobrimos que ela sempre é um enfrentamento em um defrontar-se; e quando deixamos de nos questionar quando a pintura chega ao seu fim – dentre suas infinitas mortes -, nós simplesmente percebemos que a pintura continua a existir, como uma “metamorfose por adição”, sobrevivendo a si mesma, muitas vezes de maneira antitética, e absorvendo em suas manifestações mais recentes suas configurações originais, como uma entidade híbrida, “larval” e incessante.

Toda vez que isso acontece, como em qualquer forma de arte, faz-se como em um encontro. Uma pintura – uma obra de arte visual – é sempre um encontro, existe como um encontro: encontro espectral, encontro escópico, encontro de olhares.

É portanto extremamente importante compreender a frontalidade da pintura, pintura como agenciamento frontal da visualidade: o fato de que em suas incontáveis manifestações, da pintura antiga e rupestre até a mais recente, incluindo quando seu efeito ultrapassa suas convenções e passa a existir em formas artísticas que já não são pintura, a dimensão de seu poder facial se revela: é o rosto da superfície pictórica, a facialidade da pintura, pintura como rosto que nos olha, até mesmo quando ali não mais existem rostos nem figuras perceptíveis.

Esta facialidade da pintura nunca foi tão potente do que em obras onde há pouco mais que uma superfície obtusa de pigmentos, como no famoso *Quadrado negro sobre fundo branco* de Malevich. É precisamente ali que se torna possível argumentar que – enterrada em pigmentos – está a face mais frontal de nossa cultura: o icônico *Mandylion*, o rosto frontal do *Vera Icon*, a face de Cristo, tema que o próprio autor indicou elípticamente na forma como apresentou a obra pela primeira vez, instalando-a no canto superior de um

cômodo, espaço sagrado onde os antigos ortodoxos russos costumavam posicionar seus ícones.

A produção mais recente de Cristina Canale parece questionar essa dimensão facial, esse agenciamento frontal da pintura, como se desenvolvesse um sistema, um tratado de rostos: são retratos, amiúde frontais, e muitas vezes desprovidos de detalhes expressivos, puras faces que nos olham, como metonímias figurais da própria pintura.

A soberania da retratística na arte ocidental não se reduz ao gênero do retrato. Pode-se afirmar que a soberania do retrato na arte ocidental abrange toda a esfera das imagens, como se todas elas fossem, potencialmente, retratos de alguém ou de algo, assunto que as técnicas fotográficas e de imagem digital levaram ao paroxismo. Frente ao arrebatamento dessas imagens efêmeras que caracterizam nosso mundo contemporâneo, a pintura de Canale transmite um olhar lento, convocando-nos a um encontro repetido e sem pressa com seus rostos sem face, com seus perfis, e com a densidade frontal da matéria cromática da onde tomam sua forma.

Na Roma antiga, *Imago* era o nome dado ao retrato funerário, à efígie de alguém ausente. O fato de, em nossa linguagem, essa palavra ter se tornado o denominador absoluto de todas as imagens não deixa de ser intrigante. Através de seus estudos sobre iconografia cristã, Hans Belting tem nos lembrado que os gregos empregavam a palavra *prosôpon* tanto para máscara quanto para rosto, termos relacionados ao teatro. Esta etimologia e suas raízes teatrais desapareceram em Roma. *Prosôpon* era, então, aquilo que olhamos, o objeto de nosso olhar, aquilo que temos diante de nossos olhos, aquilo que nos olha de volta. O *prosôpon* se oferece ao olhar, diferente da máscara que os romanos chamavam *persona*, que cobria ou dissimulava o rosto do ator. A *imago* funerária romana era a marca – o molde – do rosto de

1 Vdr. Emanuele Coccia: *Metamorphoses* [Paris: Rivages, 2020], p.80

2 Vdr. Hans Belting: *Le masque et la personne du Christ in La vraie image* [Paris: Gallimard, 2007], p. 71 sqs.

alguém que havia morrido, sua facies, sua face. Era, portanto, uma face sem expressão individual, como em alguns retratos de personagens femininos de Cristina Canale: facies sem *vultus*, sem expressão facial.

A ausência voluntária de *vultus* – isto é, de expressividade facial - nos retratos de Cristina Canale é compensada pelo complexo aparato cromático da pintura, como se a arquitetura da forma e da cor que lhes confere presença na superfície da pintura pudesse complementar sua falta de expressão. Prodigiosamente expressivos apesar de suas faces sem rosto, estes retratos permanecem um enigma que nos questiona através da frontalidade da pintura. É a pintura que nos olha.

Entre os trabalhos mais recentes de Canale estão alguns retratos particularmente significativos, na medida em que apresentam um surpreendente – e novo – dinamismo lateral. Rostos representados em perfil emergem e marcam, com sua ação e seu efeito, a lateralidade do campo pictórico: um sopro, a fumaça de um cigarro, um olhar que não encontra o nosso, mas que, no entanto, o convoca.

O fato de que os rostos nos retratos não nos interpelam frontalmente não atenua de forma alguma a força com que essas obras interrogam a facialidade da pintura, pelo contrário: eles definem outra dimensão para o encontro, ativando particularmente as bordas, sua ressonância lateral, sua potencialidade em determinar o espaço para além de seus limites materiais.

Este dinamismo lateral, oblíquo, explosivo, vital, energético, parece ser uma novidade no repertório de Cristina Canale. A obra *O Encontro*, uma representação de dois personagens em perfil, frente a frente, colocados no contexto atmosférico de uma rica galáxia cromática de formas indefinidas – híbridas, sedutoras, quentes, incertas, onde uma figura fetal parece surgir – poderia ser um emblema desses novos trabalhos. Ela sintetiza o encontro

sensorial através do qual o mundo se abre para nós, onde o visível e o vivo se engendram, onde o face-a-face da pintura nasce, na medida em que sua frontalidade interpela nosso olhar. As novas e amplas obras de Cristina Canale acolhem essa imensa ambição cósmica com uma plenitude sem precedentes.

Luva Branca, 2021
acrílica, óleo, grafite, carvão e
spray acrílico sobre linho
110 x 100 x 4 cm





Vox, 2021
acrílica, óleo e grafite sobre tela
110 x 100 x 4 cm





A Rosa, 2021
tinta óleo sobre linho
110 x 100 x 4 cm





Tropeço, 2021
acrílica e óleo sobre tela
200 x 300 x 4 cm





O encontro, 2021
acrílica, óleo e spray
acrílico sobre tela
170 x 200 x 4 cm





"Nas obras onde a figura humana aparece integrada na paisagem, permeia a ideia do romantismo, da integração do homem na natureza – uma integração harmônica, não hegemônica. A natureza nesse caso, exerce uma função na narrativa, ela não é apenas um cenário para a ação, ela faz parte da narrativa."

—**Cristina Canale**

A rainha triste, 2021
acrílica, óleo, grafite, carvão e
colagem de tecido de linho sobre linho
110 x 100 x 4 cm



"Nesta série de retratos, me refiro bem diretamente à dinâmica clássica e iconográfica na formação de um retrato: figura centralizada, uma ação neutra contida, uma pretensão a congelamento do momento, a imortalidade. Estou mais interessada em representar um retrato, na forma de representação de um retrato, do que representar uma figura, uma face. Neste sentido, os traços anatômicos só me interessam na medida em que exercem alguma função na dinâmica ou enfatizam algum ponto do quadro. Estou mais interessada na essência de um retrato do que necessariamente em retratar uma pessoa, da mesma forma que na paisagem, me interesso mais na essência da forma dos elementos que formam uma paisagem do que retratar uma paisagem específica."

—Cristina Canale



Menina e UFO, 2020
tinta óleo sobre tela
170 x 140 x 4 cm







Gêmeas, 2021
acrílica, óleo e spray
acrílico sobre linho
170 x 180 x 4 cm





A origem da vida (amanhecer nos trópicos), 2021
acrílica, óleo e spray acrílico sobre tela
170 x 200 x 4 cm





"O exercício da pintura para mim, tem algo de meditativo no sentido de que procuro sair da minha própria vontade e entrar em diálogo com alguma situação abstrata ou inanimada que é o exercício do quadro, a formação de uma imagem."

—**Cristina Canale**



De soslaio, 2021
tinta óleo sobre linho
50 x 50 x 2 cm





Vaso, 2020
tinta óleo sobre linho
50 x 50 x 2 cm





Petit Pois, 2020
acrílica, óleo, grafite, carvão e
colagem de tecido de algodão sobre linho
110 x 100 x 4 cm





Menina e Balão, 2021
acrílica, óleo, grafite e colagem
de tecido de algodão sobre linho
100 x 80 x 4 cm



"O retrato, assim como a paisagem, é um gênero da pintura que tem uma história dentro dela, e uma dinâmica bem específica. Na verdade o que mais me interessa nessa série que tenho desenvolvido nos últimos anos, é falar da ideia de um retrato, mais do que necessariamente fazer um retrato; e nesse sentido, deixar um rosto vazio dá o espaço para ver aquela obra como um retrato abstrato, mais do que um retrato de alguém."

—**Cristina Canale**



Pensando em A.S., 2021
acrílica, óleo, grafite e
carvão sobre tela
170 x 190 x 4 cm





cristina canale

n. 1961, Rio de Janeiro, Brasil

vive e trabalha em Berlim, Alemanha

Cristina Canale despontou no circuito de arte ao participar da emblemática coletiva *Como vai você, Geração 80?*, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV Parque Lage), no Rio de Janeiro, em 1984. Como no caso de muitos de seus colegas da chamada “Geração 80”, sua produção inicial está em consonância com o processo de retomada da pintura no contexto internacional, influenciado pela tendência do neoexpressionismo alemão. Carregadas de elementos visuais e volume de tinta, suas primeiras pinturas apresentam um caráter matérico, distinguindo-se pelo uso intuitivo de cores contrastantes e vivas que é notável em suas obras até hoje. No começo da década de 1990, Canale mudou-se para Düsseldorf, na Alemanha, onde estudou sob orientação do artista conceitual holandês Jan Dibbets. Suas composições passaram a investigar a espacialidade, a partir da sugestão de planos e profundidades e da maior fluidez no uso das cores, características que marcaram sua produção nesse período.

Geralmente baseadas em cenas prosaicas do cotidiano, muitas vezes extraídas da fotografia publicitária, suas obras resultam de um elaborado trabalho de composição e se destacam por transitar entre a figuração que se esvai na abstração, por um lado, e a abstração que evoca uma figuração, por outro. Para o curador e crítico de arte Tiago Mesquita, a produção de Canale contrapõe-se à busca por estruturas de constituição da imagem conforme artistas como Gerhard Richter ou Robert Ryman, uma vez que aborda “a imagem e os gêneros consagrados da pintura de forma subjetiva, acreditando em uma experiência singular”.

seleção de exposições individuais

- *Cabeças/Falantes*, Galeria Nara Roesler | São Paulo, Brasil (2018)
- *Cristina Canale: Zwischen den Welten*, Kunstforum Markert Gruppe, Hamburgo, Alemanha (2015)
- *Entremundos*, Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil (2014)
- *Espelho e Memória – Spiegel und Erinnerung*, Galerie Atelier III, Barmstedt, Alemanha (2014)
- *Arredores e rastros*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2010)

seleção de exposições coletivas

- *A Escolha do Artista na Coleção Roberto Marinho*, Casa Roberto Marinho, Rio de Janeiro, Brasil (2021)
- *Cristina Canale, Vojtěch Kovařík, Brice Guilbert and Paulo Nazareth*, Mendes Wood DM, Villa Era, Itália (2020)
- *Xenia: Crossroads in Portrait Painting*, Marianne Boesky Gallery, Nova York, Estados Unidos (2020)
- 8th Beijing Biennale, Beijing, China (2019)
- *Ateliê de Gravura: da tradição à experimentação*, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2019)
- *Mulheres na Coleção MAR*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2018)
- *Alucinações à beira mar*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2017)
- *Land der Zukunft*, Lichthof–Auswärtiges Amt, Berlim, Alemanha (2013)

seleção de coleções institucionais

- Coleção Gilberto Chateaubriand, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Coleção João Sattamini, Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Sparkasse Oder-Spree, Frankfurt an der Oder, Alemanha
- Museum No Hero, Delden, Países Baixos

nara roesler

são paulo

avenida europa 655,
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241,
ipanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5034

nararoesler.art

ny@nararoesler.art